

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



O CASAL TARDO-ROMANO DA MALAFAIA (AROUCA), EXEMPLO DE UMA MODALIDADE DE OCUPAÇÃO ROMANA MENOS CONHECIDA NO NORTE DE PORTUGAL

António Manuel S. P. Silva / Centro de Arqueologia de Arouca. Investigador do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Universidade do Minho) / amspsilva@hotmail.com.

Paulo A. P. Lemos / Centro de Arqueologia de Arouca / paplemos@gmail.com.

Manuela C. S. Ribeiro / Centro de Arqueologia de Arouca / mcsribeiro29@hotmail.com.

RESUMO

Implantado numa encosta do vale do Arda, o casal tardo-romano da Malafaia (Arouca) exemplifica, no Norte de Portugal, um tipo de instalações agrícolas romanas que vem sendo designado por *casal*, quinta ou granja. Objecto de intervenções arqueológicas desde 1995, este sítio arqueológico é composto por alguns edifícios com vários compartimentos, revelando conjuntos artefactuais relativamente modestos, onde predomina a cerâmica comum de produção local e regional, sendo muito raros os itens que possam considerar-se como indicadores de prestígio. A sua implantação deve remontar ao século II, estando todavia melhor representada a época entre o Baixo Império e o período suevo-visigótico; por alturas do século X verificou-se uma reocupação pontual do sítio, documentada por cerâmicas e confirmada por datações de ¹⁴C.

ABSTRACT

Roman site of Malafaia (Arouca, North of Portugal) exemplifies a kind of rural settlement described in recent archaeological Portuguese literature as a *casal*, i.e. a single family farm unit which should exploit a *fundus* much smaller the one a traditional *villa* was expected to do. The site, excavated since 1995, exhibits ruins of several buildings and compartments. Artefacts are relatively modest, mainly local and regional common wares, being scarce the items that may be considered as indicators of prestige. First settlement may be dated in 2nd century AD, but most of the evidence is related to 4th-6th centuries AD. Later on the site was abandoned and by the 10th century there was a new and perhaps short-time occupation.

Situado na freguesia da Várzea (Arouca, Aveiro), o sítio arqueológico da Malafaia¹ está localizado num terreno de encosta, a 330 metros de altitude, dominando um importante alvéolo agrícola do vale do rio Arda, um afluente Sul do rio Douro. A estação arqueológica foi identificada em 1987 e tem sido objecto de trabalhos arqueológicos desde 1995 (Silva, 2004, p. 255-61), estando actualmente em curso trabalhos preventivos e de acompanhamento no

âmbito de um projecto municipal de requalificação do sítio.

Com uma área escavada próxima dos 270 m² e uma potência estratigráfica por vezes espessa, o que possibilitou a preservação de alguns muros com razoável alçado, a interpretação da estação arqueológica tem vindo a complexificar-se ao longo das campanhas, nomeadamente no que se refere ao faseamento construtivo e respectivos momentos de ocupação. Dadas as limitações de espaço, limitar-nos-emos a expor brevemente as informações essenciais respeitantes a cada uma das fases de utilização do sítio,

1. O sítio arqueológico tem as seguintes coordenadas geográficas (WGS84): 40° 55' 43,5" N.; 8° 18' 6,3" O.

revido alguns aspectos de pormenor apresentados em publicação anterior (Silva & alii, 2008) e afinando um pouco os contextos cronológico-culturais em função de algumas datações ¹⁴C entretanto obtidas (Soares & Martins 2012) e cujos resultados são pela primeira vez divulgados, se bem que esteja em preparação trabalho mais aprofundado para a discussão das datas obtidas.

No geral, podemos situar a ocupação da Malafaia a partir do séc. II, prolongando-se provavelmente até aos séculos V-VI, sendo depois o local abandonado. Voltaria a ser reocupado na época da Reconquista, aparentemente no século X. A natureza precisa dessas ocupações não é ainda totalmente clara, para o que é indispensável concluir a escavação arqueológica de alguns sectores da estação.

1. OS HORIZONTES ROMANO E TARDO-ANTIGO

Os edifícios da época romana, correspondendo a várias fases construtivas, configuram no essencial dois conjuntos, de orientação sensivelmente divergente, implantados numa plataforma aberta no solo natural (Figura 9). A Nordeste, a designada Estrutura 4 é composta por duas paredes de uma construção de grandes dimensões, de planta ortogonal, que se encontra cortada nos restantes lados (Figura 1); no sector Sudoeste identificou-se uma outra construção – a Estrutura 2 – com vários compartimentos internos, definindo provavelmente um pátio (Figuras 2 e 3).

Da Estrutura 4 só restam duas paredes, ambas truncadas, formando um ângulo de 90°, tendo sido a parte em falta da construção destruída por uma estrada e um caminho. Por esta razão, não é possível determinar a configuração geral da planta, que definia um espaço de razoáveis dimensões, medindo no mínimo 47 metros quadrados². No interior deste edifício observam-se alguns entalhes no saibro granítico natural que podem relacionar-se com compartimentação interna (Figuras 1 e 9).

A Estrutura 2, melhor conservada, apresenta-se mais complexa. Parece definir-se por dois extensos muros perimetrais. O superior, de orientação aproximada Sudoeste/Nordeste, tem cerca de 13 metros de extensão, medindo o perpendicular, cortado por um

2. Aproveitamos para rever algumas das medidas gerais apresentadas em trabalho anterior (Silva & alii, 2008), que saíram com gralha por erro de escala.

caminho a Sudeste, cerca de 8,6 metros, delimitando uma superfície interna no mínimo com c. de 112 m² (Figuras 3 e 9). A estes muros perimetrais foram adossados outros que delimitam um ou dois compartimentos. O primeiro, mais a Sudeste e designado como Estrutura 2B, tem planta aproximadamente quadrangular, com 4,8 metros de lado e entrada pelo lado Sudoeste (Figuras 2, 3 e 9). O segundo ambiente, a Noroeste, designado convencionalmente como Estrutura 2A, é definido apenas por um tramo de parede adossado ao muro de delimitação superior e que pode desenhar também um outro compartimento (Figura 3). Nesta área foram identificadas diversas lareiras estruturadas com *tegulae* (Figura 4). Na área situada a Sudoeste, onde a escavação está ainda por concluir, detectaram-se, para além de indícios da ocupação medieval, que adiante referiremos, evidência de outros espaços por enquanto pouco claros, e talvez restos da primeira fase de ocupação, porventura ligados a um nível mais profundo detectado numa pequena sondagem de controle estratigráfico, não sendo possível por ora adiantar outros dados (Figuras 5 e 9). Do mesmo modo, não pudemos ainda caracterizar cronologicamente outros momentos construtivos da época romana, relacionados nomeadamente com as estruturas identificadas no extremo Noroeste da área escavada.

Para além de abundantes fragmentos de *tegula* e *imbrex* e de outro espólio que não iremos discriminar, tem sido recolhida na Malafaia quer louça comum, quer louça fina de mesa, importada ou de fabrico regional, registando-se ainda fragmentos de *dolia* ou recipientes maiores destinados a armazenamento. A par das produções locais detectam-se outras de âmbito regional, como as cerâmicas cinzentas finas polidas, datadas normalmente entre a 2^a metade do século I e o século II, e outras produções mais cuidadas, parecendo imitar tipos cerâmicos importados. A localização de alguns fragmentos de *terra sigillata* revelou-se essencial para aferir o faseamento cronológico da ocupação do sítio, identificando-se produções hispânicas alto-imperiais, designadamente fragmentos de Drag. 29 e Hisp. 15-17, com cronologias entre os anos 50 e 120, e materiais tardios, como um bordo de TSCD Hayes 91B (370/385-500), uma imitação de uma taça Hayes 104 (530-600)³ e algumas imitações de DSP, datáveis dos séculos V e VI.

3. Agradecemos a Teresa Pires de Carvalho a classificação destas cerâmicas.

2. O HORIZONTE MEDIEVAL

A ocupação medieval da Malafaia é assinalada sobretudo por diversas lareiras, associadas a cerâmicas características do período da Reconquista, e por alguns muros de má construção, feitos sobre a camada de abandono das estruturas romanas.

As lareiras apareceram concentradas e por vezes sobrepostas numa área particular, a Sudoeste do sector em escavação, e definiam-se essencialmente como manchas de carvões, assentes directamente sobre os níveis de derrube da ocupação romana (Figura 7). Na envolvência imediata identificaram-se restos de pisos em terra batida. Os pequenos muretes que parecem associar-se à ocupação medieval, que por enquanto não configuram qualquer planta, são constituídos de um modo geral por alinhamentos de pedras relativamente pequenas, sem qualquer vala de fundação.

É possível que correspondam a esta fase de ocupação medieval algumas estruturas em escavação na área correspondente aos Quadrados E, F e G 1, o e -1, nomeadamente o que aparenta ser um muro de delimitação, relativamente tosco, feito com grandes blocos de pedra rudemente aparelhada (Figs. 8 e 9), e, eventualmente, o que parece ser outro compartimento, aparentemente reaproveitando estruturas da época romana (Figura 5 e 9). O espólio ceramológico deste horizonte de ocupação, datável do século X por análises radiocarbónicas (Soares & Martins, 2012), está em curso de publicação (Silva & Ribeiro, no prelo).

3. FASEAMENTO DA OCUPAÇÃO E INTEGRAÇÃO REGIONAL

Na presente fase de investigação podemos sintetizar da forma seguinte os grandes momentos de ocupação do casal da Malafaia.

- a) **Malafaia I** – Alto Império – entre a 2ª metade do séc. I e os finais do século II ou começos do séc. III, segundo a sugestão dos resultados do radiocarbono (Tabela I; Soares & Martins, 2012). Desconhecemos se no final deste ciclo houve qualquer abandono temporário ou reformulações arquitectónicas de vulto.
- b) **Malafaia II** – Baixo Império/tardo-antiguidade – séculos III/IV a VI ou VII (?). No final desta fase houve um período de abandono, associado ao derrube das construções romanas, em condições desconhecidas. Não dispomos de datações radiométricas para esta fase.
- c) **Malafaia III** – Alta Idade Média/Reconquista – reocupação talvez de curta duração (?), centrada para já no século X, de acordo com a série de datações efectuadas (Tabela I; Soares & Martins, 2012).

Tabela 1 – Datas de radiocarbono para Malafaia (seg. Soares & Martins, 2012).

Ref. de Lab.	U.E.	Tipo de Amostra	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Data ^{14}C (anos BP)	Data calibrada 1σ 2σ (cal AD) (cal AD)		Data calibrada modelada 1σ 2σ (cal AD) (cal AD)	
<i>Ocupação de Época Romana</i>								
Sac-2092	246	carvão	-26,0	1770±45	170-340	130-390	140-320	120-360
Sac-2091	229	carvão	-26,5	1860±40	80-220	60-250	140-240	70-320
<i>Ocupação de Época Medieval</i>								
Sac-2093	257	carvão	-24,9	1100±40	890-990	820-1030	890-970	870-1010
Sac-2095	286	carvão	-25,9	1160±45	780-950	720-990	870-970	810-990
Sac-2094	281	carvão	-26,3	1060±40	900-1030	890-1030	890-990	890-1020
Sac-2096	287	carvão	-25,4	1160±40	780-950	770-980	870-970	810-990
<i>Soma</i>					870-1020	770-1030	890-970	830-1020

Convém recordar que não é ainda totalmente clara a articulação das estruturas arquitectónicas escavadas, onde se notam diversas fases construtivas, com o faseamento geral da ocupação romana. Pela mesma razão, não se discutem ainda em detalhe as datas

radiocarbónicas disponíveis, nomeadamente as do horizonte romano.

Temos vindo a caracterizar o sítio da Malafaia como um casal agrícola romano e tardo-antigo (Silva 2004, p. 255-61), classificação enquadrável nos parâme-

tros da tipologia desenvolvida por Jorge de Alarcão (1990; 1995; 1998), que propôs que se considerassem como “pequenos casais” as propriedades agrárias de dimensão compreendida entre os dois e os dez hectares que apresentem no plano arqueológico uma área de dispersão de achados, (relativamente modestos e sem itens de prestígio), entre os 100 e os 1.000 m² (Alarcão 1998, p. 94-5), sugestão que tem sido objecto de diversas glosas e revisões regionais (Lopes, Carvalho & Gomes 1998, p. 139-40; Lopes 2003, p. 241-8; Carvalho 2004; Vieira 2004, p. 30-1; Osório 2006, p. 109-10; Bernardes 2007, p. 19-20; Carvalho 2007, p. 287-308, 409-12; Carvalho 2008, p. 49-50) que no essencial não alteram significativamente a taxonomia daquele Autor, não obstante as evidentes dificuldades de caracterização da pequena propriedade agrícola romana (Kuznetsova-Resende, 2003) e a variabilidade e imprecisão destas classificações arqueológicas, baseadas apenas na dispersão dos achados de superfície ou mesmo após a escavação dos sítios, como também salientam a maior parte dos autores atrás citados.

Cingindo-nos aos *aedificiae* nucleares do sítio, uma vez que não temos qualquer noção do *fundus* que exploraria nem sequer inequivocamente delimitado o conjunto em escavação, observamos um modelo planimétrico que encontra poucos paralelos integralmente escavados no Norte de Portugal, podendo apontar-se algumas similaridades com o sítio da Bouça do Ouro (Boelhe, Penafiel), situado na margem direita do Douro, a cerca de 25 km da Malafaia, um conjunto de dois edifícios utilizados entre a 2^a metade do séc. I e os séculos III-IV e registando profundas reformulações no Baixo-Império (Soeiro, 1998). A uma distância significativamente maior, mas também com notáveis semelhanças planimétricas, regista-se o sítio do Casal do Relengo (Sabugal), uma unidade aparentemente familiar de planta atípica, com vários compartimentos e dois momentos de ocupação descontínuos, o primeiro de finais do séc. I e outro dos séculos IV-V (Osório & alii, 2008). A classificação do sítio da Malafaia como mero casal agrícola pode ser questionada pelo achado de alguns itens que podem indiciar um *status* social mais elevado dos residentes, à semelhança aliás do que observam, em situação algo paralela, os responsáveis pela escavação do Sabugal (Osório & alii, p. 113), elementos que na Malafaia correspondem a alguma *terra sigillata*, vidros ou fíbulas em bronze, para além de um capitel jónico liso em granito (Figura 6),

mas o tema requer discussão que não cabe no âmbito desta notícia, que pretende antes de mais trazer a público novos elementos para a melhor percepção da paisagem do *ager* romano no extremo Noroeste da Lusitânia, certamente bem mais diversificada e complexa daquela que a historiografia arqueológica nos transmitia há algumas décadas.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (1990) – A produção e a circulação dos produtos. In ALARCÃO, J. (coord.) – *Portugal: das origens à romanização*. Lisboa: Presença [Nova História de Portugal, 1], p. 409-441.

ALARCÃO, Jorge de (1995) – Aglomerados urbanos secundários de Entre Douro e Minho. *Biblos*. 71. Coimbra, p. 387-401.

ALARCÃO, Jorge de (1998) – A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. 37. Coimbra, p. 89-119.

BERNARDES, João P. (2007) – *A ocupação romana na região de Leiria*. Faro: Universidade do Algarve [Promontoria Monográfica, 6].

CARVALHO, Pedro C. (2004) – Sobre o processo de identificação e classificação de sítios rurais no Portugal romano. In Lopes, Maria C. & Vilaça, Raquel (coord.) – *O Passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão*. Coimbra/Porto: CEAUCP, p. 121-140.

CARVALHO, Pedro C. (2007) – *Cova da Beira. Ocupação e exploração do território na época romana (um território rural no interior norte da Lusitânia)*. Fundão/Coimbra: Câmara Municipal/IAFLUC [Anexos Conimbriga, 4].

CARVALHO, Helena P. A. (2008) – *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarenensis*. [Braga]: Universidade do Minho, texto policopiado. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho.

KUZNETSOVA-RESENDE, Tatiana (2003) – Sobre a economia rural hispano-romana (sécs. I-IV). In SANTOS, A. Ramos [& alii] – *Mundo Antigo, Economia Rural*. Lisboa: Colibri, p. 83-122.

LOPES, Maria C. (2003) – *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da “civitas” de Pax Iulia*. Coimbra: Universidade de Coimbra [Anexos Conimbriga, 3].

LOPES, Maria C.; CARVALHO, Pedro C. & GOMES, Sofia M. (1998) – *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal.

OSÓRIO, Marcos (2006) – *O povoamento romano do Alto Côa*. Guarda: Câmara Municipal [Territória, 1].

OSÓRIO, Marcos; SILVA, Ricardo C.; NEVES, Dário; PERNADAS, Paulo (2008) – O Casal Romano do Relengo (Barragem do Sabugal). Elementos para o estudo do povoamento romano e tardo-romano no Vale do Côa. In *Fórum Valorização e Promoção do Património Regional: actas das*

sessões. Vol. 3 – *Do Paleolítico à Contemporaneidade*. S. 1. [Freixo de Numão]: ACDR, p. 98-115.

SILVA, António Manuel S. P., coord. (2004) – *Memórias da Terra: património arqueológico do concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal.

SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo A.; ABREU, João M.; RIBEIRO, Manuela C. S. (2008) – La estación romana de Malafaia, en el extremo noroeste de la Lusitania. In Fernández Ochoa, C. & alii (eds.) – *Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio: arquitectura y función*. IV Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón. Gijón: Trea, p. 719-29.

SILVA, António Manuel S. P.; RIBEIRO, Manuela C. S. (no prelo) – Cerâmicas do período da Reconquista no vale do

Arda: castelo de Arouca e casal da Malafaia. In *Actas do 1º Encontro de Cerâmica Medieval do Norte e Centro de Portugal* (Museu Monográfico de Conimbriga, 2012). Lisboa.

SOARES, António M.; MARTINS, José M. (2012) – *Casal romano da Malafaia (Arouca): Datas de Radiocarbono*. Lisboa. Relatório inédito em vias de publicação.

SOEIRO, Teresa (1998) – *O sítio romano da Bouça do Ouro. Boelhe – Penafiel*. Penafiel: Museu Municipal [Cadernos do Museu. 4 – Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida, III], p. 5-62.

VIEIRA, Marina A. (2004) – *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 36].



Figura 1 – Aspecto geral das ruínas, vistas de Norte. Em primeiro plano a designada Estrutura 4.



Figura 2 – Vista geral das estruturas 2A e 2B, sensivelmente a partir de Oeste.



Figura 3 – Perspectiva de Sudoeste das Estruturas 2A e 2B.



Figura 4 – Pormenor de uma das lareiras dos horizontes romanos.



Figura 5 – Vala de sondagem, observando-se estruturas da fase mais antiga.



Figura 6 – Capitel jônico em granito, no momento da sua descoberta.



Figura 7 – Contexto medieval com lazeiras, relacionadas com a reocupação do sítio.



Figura 8 – Muro de delimitação, provavelmente ligado à reocupação medieval.



Figura 9 – Localização do sítio arqueológico na Península Ibérica e planta geral das ruínas (2008), com identificação das diferentes estruturas.



AAP
 ASSOCIAÇÃO
 DOS ARQUEÓLOGOS
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
 bcp

BNP
 BIBLIOTECA
 NACIONAL
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
 PORTUGAL


 Parques de Sintra
 Monte da Lua